

O EXOTISMO E O CHOQUE CULTURAL NO NOVO MUNDO

Ivanice Cássia Foschiera
UFSC

1. Um pouco da História do século XVIII

Nos apoiaremos sobre o texto *Supplément au voyage de Bouganville* de Diderot, que foi escrito em 1772, mas só foi publicado após a morte do autor, em 1796. Nessa época, quando Diderot o escreveu, a França estava sob o Reino de Louis XV, que sucede seu bisavô Louis XIV – todos os dois fizeram um mau reinado – e por isso a França está às vésperas de uma grande revolução. Falamos aqui, de uma fase em que a França era um país miserável e arruinado, mas que, apesar de todos esses acontecimentos, vivia o “Siècle des Lumières”, período em que a civilização francesa reina sobre toda a Europa. É nesse momento que nasce um espírito crítico muito forte, que há um retorno ao Antigo e ao sentimento de natureza – retomando o gosto pelo rústico, pela simplicidade campestre. É nessa mesma época que o sentimento e a emoção estão na moda com a filosofia de Jean Jacques Rousseau.

2. Um pouco sobre o autor (Diderot)

O autor é um grande pensador da sua época. Ele nasceu em Langres em 1713, estudou em colégio Jesuíta desde a idade de 8 anos, mais tarde ele estudou em Paris, onde ele perdeu a sua fé. Por volta de 1742 ele se ligou a Rousseau e a Grimm (também grandes pensadores da época). Alguns dizem que Diderot é, mais que os outros “filósofos”, um homem sem Deus. Ele não esquecia nunca suas preocupações ideológicas. Numa ocasião em que foi perguntado sobre a sua forma de escrever utilizando diálogos, ele respondeu: “eu prefiro o diálogo entre as duas partes inconciliáveis de mim mesmo”. Em 1749 ele foi preso no Forte de Vincennes por causa do

materialismo francamente afirmado de sua obra “*Lettre sur les aveugles à l’usage de ceux qui voient*”. Em 1784 ele morreu em Paris.

3. Sobre o “Suplemento à viagem de Bougainville”

Diderot escreveu várias críticas sobre a sociedade européia, e “*Supplément au Voyage de Bougainville*” foi uma análise profunda sobre essa sociedade, ilustrando a forma de pensar dos Europeus no momento de colonizar um novo horizonte, explorando os valores sociais. Para isso ele utilizou a obra do navegador Bougainville “*Voyage autour du monde*” em que o navegador escreve sobre a sua viagem feita de 1766 à 1769, a qual continha o relato de sua estada na ilha do Taiti. Diderot se utiliza desse fato, propriamente dito, para fazer seu “Suplemento”.

O tema essencial desse texto é que a moral das nações civilizadas corrompe o homem que naturalmente é bom. É, em síntese, uma denúncia ao antinatural Europeu.

O “*Supplément au Voyage de Bougainville*” é composto por **duas histórias dialogadas**, uma dentro da outra e concernem o Homem Natural e o que ele se torna quando colocado em sociedade.

No texto, em um primeiro momento, eles falam sobre a vida de Bougainville, com o objetivo de situar o texto na história e na época. Dialogam que na sua juventude, Bougainville foi um matemático e depois se tornou um navegador. Falam também de todas as condições que ele tinha para fazer essa viagem, explicitando que ele só possuía « (...) *a filosofia, a coragem e a verdade* (...) ». Logo após eles falam do estilo de linguagem utilizado por Bougainville na obra « (...) *simplicidade e clareza, sobretudo quando fala na voz dos marinheiros* (...) ».

A primeira história, que dá entrada para a sua crítica, é um diálogo entre os personagens A que não leu a obra de Bougainville “*Voyage autour du monde*” e B que a leu. De início, eles

fazem referência ao Paraguai no momento da expulsão dos Jesuítas mostrando o que os Índios sofreram e o que os colonizadores lhes fizeram « (...) *lhes condenaram a um trabalho (escravo) assíduo; se utilizaram de seus suores, não lhes deixaram nenhum direito de propriedade; lhes tomaram o espírito com superstições, exigindo uma veneração profunda (...)* ». É dessa forma que eles começam a colocar as questões dentro da cabeça do leitor – Quem era o selvagem? Quem era o bárbaro?

Vemos em suas linhas que ele utiliza a figura do “bom selvagem” para nos mostrar toda a barbárie e selvageria que os Europeus, no seu conceito de nação civilizada, cometeram.

Ainda nessa primeira parte do texto nos é descrito os Taitianos : « (...) *fortes, vigorosos, não muito altos; tendo de grande apenas o seu corpo, a grossura de sua cabeça e a espessura de seus membros.*».

No decorrer desse diálogo Diderot explicita que ninguém é propriedade de ninguém e nada é propriedade de ninguém, e que o problema do mundo surge quando o homem faz distinção entre o “meu” e o “teu”: “*Toda guerra nasce de uma pretensão comum à mesma propriedade*”. Seguindo essa linha de pensamento filosófico poderíamos passar dias refletindo sobre tudo o que concerne a nossa vida, as nossas atitudes, enfim, nossa vida social. É simplesmente impossível, após lermos esse Suplemento, não mudarmos nosso ponto de vista sobre os valores que damos à nossa vida de uma forma geral. Qualquer pessoa que leia esse texto se torna, no mínimo, uma pessoa mais humana e mais responsável para olhar o mundo começando por olhar o outro que está a seu lado. No momento em que ele afirma isso, ele coloca o homem, dito civilizado, no mesmo nível do homem, dito selvagem.

Em um certo momento é tocado no assunto referente ao absurdo desse mundo civilizado, do qual os Taitianos não acreditavam nas histórias, eles falam do que é exótico para cada um (colonizado ou colonizador); aquilo que é diferente na cultura, na vida de cada uma das partes.

Quando B diz a A que esta história não era uma fábula e sim história pura, eles decidem discorrê-la juntos.

É nesse momento que começa **a segunda história** – o diálogo entre um padre Europeu e um nativo do Taiti chamado Orou.

O diálogo começa tratando sobre a liberdade sexual. Diderot insiste nas características artificiais das proibições sexuais, que se opõem à liberdade vivida pelos Taitianos. O tema principal é que os Europeus impuseram aos Taitianos costumes contrários à sua tradição e à sua maneira de viver. Diderot utiliza a apologia do instinto natural, que para ele, é o fundamento do homem de bem. É uma crítica à civilização onde ele afirma que o homem natural é bom, mas que, infelizmente, a civilização o corrompe o tornando mau.

Durante o desenvolvimento desse diálogo, Orou expõe seu pensamento sobre a maneira como é conduzida a sexualidade na sua cultura, entre seu povo. É exótico aos olhos do padre que lhe escuta. Ele fala que as mulheres podem ter vários homens, sobretudo os Europeus, porque eles entendem que há diferenças entre as duas raças: uma é mais forte e vigorosa (declarando a sua beleza, saúde, sua vida feliz, etc.), outra mais inteligente. E por isso, eles preferem misturar as raças para ter uma terceira melhor. Agem dessa forma por não terem um conceito egoísta da distinção entre o “meu” e o “teu”.

Um outro ponto, muito bem colocado, é quando o padre lhe pergunta se a comodidade não lhes faz falta; o sábio Taitiano lhe responde que não, e aproveita pra lhe devolver a pergunta: - E a vocês? Nesse momento Diderot nos deixa claro que não há necessidade de se dizer mais nenhuma palavra. Sabemos que uma vez acostumados com a comodidade, seria difícil abandoná-la. É um pensamento capitalista. As pessoas são boas quando lhes convém, o difícil, e diríamos até impossível, é ser bom quando as coisas que acreditamos ser insignificantes nos são privadas.

Diderot denuncia também a prepotência do mundo civilizado quando Orou se mostra completamente indignado com a frase tantas vezes usadas pelos Europeus (- Esse país é nosso!) quando chegam em um novo horizonte e colocam seus pés pela primeira vez e acreditam que esse local é seu. Orou fala atonitamente: - O que vocês pensariam se eu colocasse os meus pés pela primeira vez na sua Europa e afirmasse que ela é minha? Mais um momento de silêncio é colocado em suspenso.

Orou também nos mostra que os males que assolaram o novo mundo foram trazidos justamente pelos homens ditos civilizados – e chega a chamar os Europeus de “envenenadores de nações”. Causa indignação ver um povo que “não tinha problemas”, sendo envenenado por um outro povo que chega no seu país, força a mudança de seus costumes e de sua tradição, envenenando a todos com o sentimento individualista, de total egoísmo.

No capítulo III Orou oferece suas filhas e sua mulher para que o padre escolhesse aquela que lhe conviesse “se deitar”, pois como já foi dito anteriormente, para os Taitianos o sexo é um prazer inocente: a mulher quer engravidar por ser uma forma de fortificar a raça. Assim, se deitam com Europeus para tirar deles o que elas querem, é uma forma também de se utilizar do outro. Mas o padre não pode aceitar por uma razão óbvia para a nossa cultura, mas extremamente exótica para o pobre Taitiano. Aqui, começa a parte mais polêmica do texto. É o momento em que o padre expõe toda a incoerência de suas leis, é crítica explícita à sociedade Européia do século XVIII!

O padre para se justificar por não poder aceitar, tenta fazer com que Orou entenda lhe falando das leis de seu Estado e de sua Igreja (de seu Deus). Ele lhe explica tudo o que um padre precisa para se tornar um “homem de Deus” (das aprendizagens à renúncia da natureza). Fala também que esse Deus é onipresente, que não podemos vê-lo mas que está em toda parte, e vai pouco a pouco tentando lhe explicar os princípios do catolicismo (que o homem deve ser

monogâmico, todas as regras para que um homem possa se unir a uma mulher, etc.). Orou, sempre muito lúcido, lhe faz várias perguntas, sobre o pecado original e culmina com a pergunta: - E vocês (padres) seguem mesmo essa lei? Deixando o padre, simplesmente, sem resposta.

Esse ponto é muito bem abordado por Diderot – as proibições sexuais no Velho Mundo. Diderot disserta sobre o fato do homem religioso não poder ter uma mulher, e deixa clara a agressão e a antinatureza desse ato. E vai mais longe, fala que sabemos que muitos religiosos não seguem as “leis do catolicismo” demonstrando a hipocrisia da vida artificial. Sobre isso, num determinado momento Orou suspira: - “*Que o meu povo nunca conheça esse seu Deus*”. Pois ele achou esse Deus, um Deus proibidor e antinatural que faz as pessoas viverem infelizes tendo que pedir todo o tempo perdão pelos pecados que na sua cabeça eram apenas atos de uma vida natural.

Deixamos aqui as perguntas: Quem é o selvagem? Quem é o bárbaro? Quem é civilizado?

4. Bibliografia

- DIDEROT, Denis. *Oeuvres*. Paris: Gallimard, 1951.
- HERMAND, P. *Les idées morales de Diderot*. Paris: PUF, 1923.